



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**ENEIDA FEIX (2)**

**(depoimento)**

**2015**

**CEME-ESEFID-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-618

**Entrevistada:** Eneida Feix

**Nascimento:** 03/05/1956

**Local da entrevista:** Centro de Memória do Esporte

**Entrevistadoras:** Pamela Siqueira Joras e Leila Carneiro Mattos

**Data da entrevista:** 06/11/2015

**Transcrição:** Leila Carneiro Mattos

**Copidesque:** Pamela Siqueira Joras

**Pesquisa:** Pamela Siqueira Joras

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 46 minutos e 26 segundos

**Páginas Digitadas:** 18

Entrevista realizada para o projeto *Memórias do Programa Esporte e Lazer da Cidade/Vida Saudável* desenvolvido pelo Centro de Memória do Esporte.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Formação; Temática do lazer; Envolvimento com o esporte e o lazer; Programa Esporte e Lazer da Cidade (PELC); Formador e suas funções; Áreas de atuação do articulador; Contato com os formadores; Temas abordados nas formações; Formação e os núcleos; Experiências na formação de agentes sociais; Relação com a Rede Cedes; Ministério do Esporte; Ensino à Distância; Educação à Distância.

Porto Alegre, 06 de novembro de 2015. Entrevista com Eneida Feix a cargo das pesquisadoras Pamela Siqueira Joras e Leila Carneiro Mattos para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

P.J. – Primeiramente gostaria de te agradecer por ter vindo colaborar conosco. Gostaria que tu iniciasse contando um pouco do teu envolvimento com a temática do lazer.

E.F. – Bom dia! A minha história de vida começa com a minha primeira professora de Educação Física, que foi a minha mãe, no grupo escolar Balduino Rambo<sup>1</sup>, essa experiência de vida fez parte da minha história. Eu tinha uma mãe que atuava com Educação Física e a gente fazia aquelas aulas maravilhosas de brincar, de estafeta, de carniça, de corrida, num grupo escolar pertinho da nossa casa, então, essa experiência é desde criança. A gente tinha uma liberdade muito grande, de brincar, de correr, de subir em árvore, no telhado da garagem, então, era uma mãe que predispunha esse corpo muito solto. Uma mãe com seis filhos; eu tenho uma irmã gêmea, então, a gente brincava e podia brincar, era permitido explorar o mundo e ter esse espírito lúdico que é o que fazia parte da nossa casa. Então a minha mãe foi a minha primeira professora de Educação Física e a Educação Física sempre foi forte. Depois eu entrei na ESEF<sup>2</sup> da UFRGS<sup>3</sup>, já trabalhava de voluntária, com quatorze anos, na Santa Casa<sup>4</sup> na ala dos bebês. Eu ia lá contar histórias e passar as tardes inteiras. Eu entrava escondida pelas bordas das portas, porque não podia entrar estranho na Santa Casa. Naquele tempo que a Santa Casa não era Santa Casa, era Santa Casa de Misericórdia e de Pobreza e eu passava as tardes contando história, trocando fraldas dos bebês e ajudando as enfermeiras, voluntariamente. Uma adolescente de treze, quatorze anos. Então depois eu entrei na ESEF/UFRGS queria ser professora de Educação Física, era minha paixão, e foi uma felicidade plena, fiz o curso com muita alegria e adorava as disciplinas. Aí fui aluna da professora Lenea Gaelzer, que foi muito importante. A gente viu a recreação, fez estudos de lazer... Ela estava fazendo a Livre Docência, eu assisti a Livre Docência dela, a apresentação... Aí me formei aqui na UFRGS

---

<sup>1</sup> Escola Estadual de Ensino Fundamental Padre Balduino Rambo.

<sup>2</sup> Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança.

<sup>3</sup> Universidade Federal de Educação Física.

<sup>4</sup> Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre.

e fui embora. Trabalhei na praça Alto da Bronze, como recreacionista, foi meu primeiro trabalho pela Prefeitura de Porto Alegre como estagiária e depois eu vim a fazer mestrado sobre a história da recreação pública e a Alto da Bronze, que foi o primeiro jardim de recreio de Porto Alegre no ano 1926, está na minha dissertação de mestrado. Então esse lado do lúdico, da recreação sempre fez parte da minha vida. Depois eu fiz o concurso pela prefeitura e entrei pela FASC<sup>5</sup> no Centro Comunitário Vila Floresta<sup>6</sup>; também trabalhei com recreação e com idosos e aí fui embora para Santa Rosa<sup>7</sup> pelo casamento, por um marido médico e logo em Santa Rosa eu comecei a trabalhar com o ensino superior e com a faculdade de Educação Física. Trabalhei com disciplina de Cinesiologia mas também com a disciplina de Recreação. Fazíamos trabalhos de Esporte para Todos com a EMATER<sup>8</sup> e fazíamos coisas muito legais com os universitários e com a EMATER que trabalhava com lazer rural, no meio rural... Tem uma foto na EMATER que é gigante, eu dando uma macro-ginástica para mais de mil mulheres rurais ,com cachorro no pescoço, tarro de leite, em um parque de exposições, foi uma experiência riquíssima. Naquele tempo nem a gente sabia fazer macro-ginástica e eu tive que aprender e pegar um microfone. Tem um pôster, não sei se ainda tem, pelo menos tinha na época na EMATER de Santa Rosa; um pôster com aquele mulherio à mil, dançando e eu comandando aquela atividade pelo encontro das mulheres rurais lá em Santa Rosa. Esse lado da recreação sempre foi muito forte na minha vida, estudando e tudo e aí resolvi, junto com a Lenea Gaelzer, montar uma Especialização de Recreação e Lazer em Santa Rosa. Nós pegamos todos os professores da universidade daqui, para o curso de pós-graduação que era o primeiro da América Latina e levamos para Santa Rosa. Todos os professores da UFRGS foram para Santa Rosa, alguns ficaram na minha casa e a gente fez todo um trabalho com quarenta e nove especialistas de todas as áreas do conhecimento. Tinha agrônomo, tinham arquitetos, pedagogos, professores de Educação Física, e a gente montou essa especialização. Infelizmente, a Lenea Gaelzer, indo para o último dia de aula para fazer o encerramento do curso, morre violentamente em um acidente de carro. Foi um trauma muito grande, a gente tinha muito sonhos para fazer juntas, eu estava voltando para Porto Alegre e a gente ia fazer o mestrado em lazer aqui na UFRGS. Muitos sonhos, então, foi uma situação muito triste foi

---

<sup>5</sup> Fundação de Assistência Social e Cidadania.

<sup>6</sup> Bairro de Porto Alegre.

<sup>7</sup> Município do estado do Rio Grande do Sul.

<sup>8</sup> Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural.

uma situação muito triste na minha vida porque eu tinha uma ligação muito forte com ela, como filha, como discípula dos estudos de lazer. Voltando para Porto Alegre fui trabalhar na Subsecretaria de Desporto<sup>9</sup>, na época era o professor Negrine<sup>10</sup> o Subsecretário. Fui para o Departamento de Lazer e comecei a coordenar as colônias de férias no Rio Grande do Sul. De Torres à Cassino<sup>11</sup>, sete colônias com uma Brasília branca que eu tinha e carregava para baixo e para cima as minhas filhas, remédio para piolho e coordenando... Era a ordenadora de despesas, mexendo com dinheiro e pagando os funcionários com saco de supermercado e levando nas colônias, foi uma experiência muito rica. Eram duzentas crianças por doze dias de todo o Rio Grande do Sul; a gente escolhia as delegacias mais carentes, as crianças mais carentes que nunca tinham visto o mar na vida e infelizmente esse projeto acabou. Quem começou com esse projeto foi o professor Frederico Guilherme Gaelzer, ele desenhou os beliches e esse projeto acabou sendo extinto pelo governo. Esse projeto era encantador, as escolas viravam colônias, as salas de aula viravam dormitórios, montavam os beliches, contratava os serviços de cozinheira, de copeira, de faxineira, de servente, de todas as necessidades de almoxarifado, direção da colônia e tinha depois os professores de Educação Física contratados para fazer a recreação. Eu cheguei a dar formação para esses professores e depois coordenei as colônias. Eram em Marcílio Dias, Capão da Canoa, Tramandaí, Cidreira, Cassino<sup>12</sup>... Eram sete colônias e depois Cidreira foi extinto e ficaram seis. A gente corria de cima e para baixo fazendo acontecer e era em torno de mil crianças que recebiam colônia por verão. Era um trabalho bem rico, bem bacana. Depois disso então, na Subsecretaria de Desporto, no Departamento de Recreação, eu fui convidada pela Esther Pillar Grossi, Secretária de Educação do município para trabalhar na ativação curricular na área de Educação Física, coordenando o município inteiro de Porto Alegre nas escolas municipais. Foi aí que eu conheci a professora Rejane<sup>13</sup> que era professora da Escola Marcílio Dias e a gente fazia um trabalho muito interessante de estudos da Educação Física e de formação e a gente tinha grupos de estudos semanais e a gente trouxe o professor João Batista Freire a Porto Alegre e trabalhamos toda essa questão do movimento, do lúdico, da importância, que para mim é fundamental como desenvolvimento humano. E a Rejane me disse: “Olha Eneida, se eu for a supervisora de

---

<sup>9</sup> Subsecretaria de Desporto da Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul.

<sup>10</sup> Airton da Silva Negrine.

<sup>11</sup> Balneários do Rio Grande do Sul.

<sup>12</sup> Municípios do Rio Grande do Sul.

lazer do departamento... Que era vinculado, a recreação era vinculada a parques e praças a SMED<sup>14</sup>, eu vou te chamar. Eu preciso de ti na parte de coordenação pedagógica da supervisão. Eu disse: “Tudo bem, eu vou contigo”. Aí, como ela assumiu a supervisão, veio a Eneida, aí a Esther disse: “Mas como?” Fui eu para a supervisão de esporte e lazer que era a minha paixão, para trabalhar com praças e parques e pensar um pouco nessa questão pedagógica da recreação e do lazer, de estudos de lazer e fizemos um trabalho bem bacana, bem bacana. E aí a professora Rejane disse: “Eneida, nós estamos precisando de um professor que trabalhe lúdico lá na UNIVATES e pediram uma indicação. Eu acho que tu pode ajudar”. Lá fui eu, trabalhei sete anos na UNIVATES com recreação, com lúdico no desenvolvimento humano. Ontem de tarde ainda encontramos uma aluna aqui na pós-graduação da UFRGS na Educação que me disse: “Fui tua aluna professora Eneida”. Então essa coisa do ensino superior e do lúdico sempre atuei e trabalhei sete anos na UNIVATES. Aí concomitante com isso, a professora Rejane foi para a Secretaria Nacional do Esporte<sup>15</sup> e disse: “Professora Eneida, nós precisamos trabalhar com o Esporte e Lazer da Cidade, com o programa que está começando, vamos montar uma equipe de Porto Alegre, vamos ajudar porque vocês tem um *know how* muito grande nessa área”. E eu já tinha toda uma experiência de educação já com todas as coisas sistematizadas, com slides e tudo e a gente montou os primeiros cursos e aí então começou o nosso caminho pelo PELC<sup>16</sup>. Em 2006, Ivoti e Feliz, que eram as duas cidades pilotos que estavam começando e aí não parei mais, até hoje desenvolvendo esse trabalho. Eu agora já estou aposentada pelo município, então, de vez em quando eu faço alguma palestra nessa área no lúdico e do desenvolvimento humano com as pessoas. Danço, canto, saio com meus brinquedos, meus adereços, mas agora a minha atuação profissional atual é só pelo PELC mesmo, fazendo essa formação por esse Brasil afora, pagando excesso de bagagem porque eu levo os brinquedos e mexendo com os corações das pessoas e fazendo os municípios se tornarem mais felizes porque eu acredito que o PELC muda os municípios. Mesmo assim os relatos das pessoas, dos munícipes e dos formadores é impressionante, tu vê, acompanhando desde a formação inicial até a avaliação final, é impressionante, muda mesmo. O PELC consegue fazer essa transcendência nessa questão do esporte pelo lazer.

---

<sup>13</sup> Rejane Penna Rodrigues.

<sup>14</sup> Secretaria Municipal de Educação.

<sup>15</sup> Secretaria Nacional de Desenvolvimento de Esporte e de Lazer do Ministério do Esporte.

<sup>16</sup> Programa Esporte e Lazer da Cidade.

P.J. – E conta para gente como foi a tua primeira formação, o local que tu chegou, como foi essa experiência para ti?

E.F. – Então, a gente foi de equipe, de mala e cuia né. Acho que éramos em seis: o Gilmar<sup>17</sup>, a Léo<sup>18</sup>, a Loreti<sup>19</sup>, a Lisi<sup>20</sup>, a Carmem Masson<sup>21</sup>, o Bhorer<sup>22</sup>, eu e a Rejane. E acho que estava o pessoal do Ministério<sup>23</sup>: a Rejane Penna Rodrigues junto com a Andrea<sup>24</sup> e a gente foi a Ivoti<sup>25</sup> para fazer essa formação e foi muito rica. O pessoal de Ivoti já tinha uma bagagem também do Programa Segundo Tempo com experiências já com o governo federal, então, eles já tinham experiência nesse sentido, então o PELC... E tinha um secretário muito bom, muito ligado nessa questão da formação, com os conteúdos do Paulo Freire. Ivoti estava bem avançada nessa questão pedagógica da cultura e do esporte, então a gente deu esse curso e foi muito rico nessa construção. Depois acho que eu fui umas dez vezes para Ivoti, eu disse: “Mas eu de novo aqui, eu não tenho mais o que dizer para vocês”. “Não professora Eneida, sempre tem”. Porque quando a gente vive isso na própria vida é fácil de tu dar a formação porque tu fala aquilo que tu viveu, não é uma coisa teórica dos livros. A teoria é importante? É, tanto que eu fiz o mestrado e estudo, e continuando estudando até hoje, fazendo disciplinas na Faculdade de Educação e outros lugares do país para estudar. Mas essa experiência vivida... Quando eu falo dos idosos e quando eu deito no chão para dizer que tem que encaixar quadril, eu falo porque eu dei aula para setenta idosos no Parcão<sup>26</sup>. Então essa experiência é muito rica, porque eu consigo contaminar mesmo os agentes sociais nesse sentido.

P.J. – E tu trabalha exclusivamente com o PELC Urbano ou tu trabalhou no Vida Saudável?

---

<sup>17</sup> Gilmar Tondin.

<sup>18</sup> Maria Leonor Brenner Ceia Ramos.

<sup>19</sup> Loreti Lazarotto Ruccati.

<sup>20</sup> Lieselote Inês Schmidt.

<sup>21</sup> Carmen Rosane Masson.

<sup>22</sup> Luiz Carlos Bhorer.

<sup>23</sup> Ministério do Esporte.

<sup>24</sup> Andreia Nascimento Ewerton.

<sup>25</sup> Município do estado do Rio Grande do Sul.



E.F. – Eu já experimentei todos. Eu trabalhei com o PELC indígena em Dourados<sup>27</sup>, foi uma experiência muito interessante, porque a gente foi para Dourados e o Ministério construiu um Parque Olímpico, com alguns problemas, porque fizeram uma pista de atletismo com asfalto. E eu quase morri quando eu vi, mas a gente teve que fazer porque estava no projeto. E eu fiquei chocada, como é que alguém vai correr no asfalto? Mas é um Centro Olímpico maravilhoso, de primeiro mundo, que está lá parado porque falta alguém que administre; alguém que faça essa interface, então, foi uma experiência um pouco triste assim, porque a prefeitura não estava com essa competência, e com essa responsabilidade de fazer um PELC funcionar de maneira legal. Estavam bastante perdidos... A professora Rejane<sup>28</sup> pode dizer isso.

R.R. – Na verdade, o que acontecia com o Ministério é as famosas emendas parlamentares; e as emendas parlamentares vêm com político que quer fazer uma obra em determinado lugar. Então, na verdade, o Ministério foi chamado para dar vida para aquele lugar porque construíram uma enorme de uma coisa, Olímpica indígena... Que não tem nada a ver Olímpica com indígena e vimos no PELC uma possibilidade de ativar um espaço.

E.F. – De dar vida!

R.R. – E trazer pessoas experientes como a Eneida, com a sua bagagem realmente... A Ana Elenara<sup>29</sup> fez parte desse processo do Ministério. Queria deixar bem claro que, muitas vezes a gestão pública, não é exatamente uma responsabilidade *daquele* gestor que está no momento, às vezes, é uma herança, outras vezes é uma incoerência de alguém e que depois esses problemas ficam difíceis de a gente entender e de administrar.

E.F. – Eu vi um potencial muito grande, o espaço físico está lá, e ele tem que ter vida, tem que ter apoio da prefeitura e de alguma maneira os indígenas estão usando. Eles tem campeonatos de futsal, eles tem aulas de dança, mas o PELC como a gente está acostumada que as prefeituras assumam e deem a estrutura necessária de recursos

---

<sup>26</sup> Parque Moinhos de Vento, em Porto Alegre.

<sup>27</sup> Município do estado do Mato Grosso do Sul.

<sup>28</sup> Referência a Rejane Penna Rodrigues que está no local da gravação da entrevista e interfere na mesma.

humanos, realmente foi o *único* lugar dessas cinquenta formações que eu não vi a continuidade como deveria, por problema de gestão local, e não do apoio do Ministério. Eu sempre digo para a Rejane que eu fico muito frustrada porque tem um potencial *enorme* lá, mas realmente as questões políticas as vezes atravancam. E quanto ao Vida Saudável, eu também já experimentei bastante, é bastante rico, eu dei em Relvado que é uma cidadezinha no meio das montanhas que a gente nem sabe que existe, perto de Nova Bréscia<sup>30</sup> ... Que tu vai em uma estrada que não tem asfalto e que tu chega em um vale encantado que eu nem imagina que podia ser tão lindo. Lá também a gente fez um trabalho com o Vida Saudável bem legal de formação. Foi a primeira vez que eu comi sagu quente de xícara, de laranja, *espetacular* em uma festa de idosos. Então Relvado<sup>31</sup> foi essa experiência e aqui no CEME<sup>32</sup> também, uma experiência com o Vida Saudável e várias outras de acordo... O Vida Saudável eu já tive experiência, o PELC Todas as Idades, e no PELC Indígena que, se Deus quiser, eu ainda vou ter uma experiência exitosa.

P.J. – E conta para a gente um pouquinho, quais as temáticas que são trabalhadas em cada programa e de que forma vocês trabalham isso?

E.F. – Bom, a gente tem todos os princípios que é do PELC, que é a questão da autogestão, a questão da diversidade cultural, a questão da intersetorialidade onde tem que trabalhar todas as instituições juntas daquele município. Isso acontece direto: o PELC não consegue trabalhar sozinho, tem que ter o apoio institucional, aí entra a Secretaria de Saúde, Secretaria da Educação, Secretaria da Assistência Social, às vezes, a própria igreja, às vezes produtos e serviços, às vezes essa parte da intersetorialidade... A diversidade é super importante na questão da cultura, então, além do esporte, da dança, as outras coisas da cultura, o artesanato, o teatro, então, a gente sempre procura trabalhar esses conteúdos de uma maneira ampla. E principalmente, claro, o esporte e o lazer como um meio de esporte participação onde o indivíduo esteja lá mais para se construir, para conviver do que competir, um esporte mais competitivo. Esse esporte de participação é a nossa área de estudo e de atuação, claro que às vezes surgem ícones, surgem crianças que se destacam e

---

<sup>29</sup> Ana Elenara da Silva Pintos.

<sup>30</sup> Município do estado do Rio Grande do Sul.

<sup>31</sup> Município do estado do Rio Grande do Sul.

<sup>32</sup> Centro de Memória do Esporte.

que são encaminhadas para a competição. Isso não tem como negar mas a gente sempre tenta dar ênfase que não faça eventos de competição no PELC, que não faça campeonatos, que faço festivais onde as pessoas possam se constituir, participar, para se desenvolver o gosto pelo esporte, pela cultura, no momento que depois possa dar continuidade a essa atuação.

P.J. – E qual o conceito que se usa de saúde no Vida Saudável? Porque a gente vê algumas experiências e alguns relatos de que o conceito de saúde se diferencia um pouquinho do que as pessoas percebem. Como é que vocês lidam com essa questão?

E.F. – A saúde, no meu entender... Acabei de assistir ontem, anteontem uma palestra do professor Moriguchi<sup>33</sup>, geriatra da PUC<sup>34</sup>, hoje professor da geriatria da UFRGS<sup>35</sup>. E eu entendo a saúde como um elemento integral. A saúde não é ausência de doença, a saúde é esse homem total e entra a espiritualidade, entra o ambiente, entra a relação familiar e dos amigos, entra a atividade física e o esporte, entra a nutrição, então, a saúde, é esse homem como um todo, esse homem integral para se constituir como sujeito. E o doutor Moriguchi, deu essa ênfase bem importante, dessa relação do homem e que a gente vive às vezes isolado, sem a sua família e em instituições e isso que é uma coisa bem complicada nessa questão da saúde. Então hoje a saúde é bem mais ampla do que a doença ou saúde.

P.J. – Como foi a tua preparação para ser formadora do PELC, claro, além do que tu já falou. Como foi buscar essa formação para trabalhar?

E.F. – Bom, o Ministério sempre nos chamou para fazer encontros nacionais e encontros de formação. A gente tem a assessoria da Universidade Federal de Minas Gerais, a UFMG, que é o Departamento de Estudos de Lazer de lá, então, a gente tem essa formação constante. E ao mesmo tempo como bolsista do UFMG, a gente é obrigada a estudar todo o semestre, então, eu estou sempre fazendo formação. Eu já fiz várias disciplinas na Faculdade de Educação na PPGedu<sup>36</sup>, o Programa de Pós em Educação, como aluna

---

<sup>33</sup> Emílio Moriguchi

<sup>34</sup> Pontifícia Universidade Católica.

<sup>35</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

<sup>36</sup> Programa de Pós-Graduação em Educação.

PEC<sup>37</sup>, então, tenho estudado direto. E fiz um pós-graduação em Jornalismo Esportivo na FABICO<sup>38</sup>, que foi uma beleza, porque aí eu voltei ao bancos escolares com a galera, com os jovens, e fui para uma linguagem que eu não conhecia, que é a linguagem da comunicação. E foi  *muito* rico e esse curso foi organizado com a ESEFID<sup>39</sup>/UFRGS e Faculdade de Comunicação da UFRGS, então, realmente quando eu estava lá encontrando meu colegas aqui da ESEFID: “Professora Eneida, o que você está fazendo aqui? Você já tem Mestrado”. “Estou aprendo!” E foi muito bacana. É claro que a minha pesquisa foi uma pesquisa histórica sobre o jornalismo esportivo, não podia sair dessa área de pensamento, e foi bem rica. Agora estou fazendo uma disciplina junto com a professora Rejane que é a pedagogia indígena e interculturalidade, também bem interessante de pensar nesse outro olhar do indígena, de como a gente pode pensar a educação. Porque a gente sempre pensa a educação pelo olhar do branco, da civilização, de um outro... E não pelo olhar de se colocar no lugar do outro e  *com* o outro, então, estou aprendendo e estou pensando bastante, e repensando, é essa... Então, essa formação a gente está sempre se unindo e trocando, e conversando e trabalhando para evoluir e melhorar a nossa formação.

P.J. – E como são desenvolvidas as atividades de formação do Programa? Existe alguma diferente de um para outro, ou todas tem mais ou menos uma mesma sequência assim.

E.F. – Olha, a gente tem um conteúdo de acordo com o edital de desenvolver cada Módulo, nós trabalhamos conforme edital, a partir de 2013, 2012, começou a dividir o Módulo Introdutório, que antes era mais tempo e agora ficou em trinta e duas horas. A gente trabalhava acho que quarenta e quatro, era maior o tempo. Bom hoje, a gente trabalha trinta e duas horas, faz Módulo Introdutório I, e Módulo Introdutório II, depois a gente trabalha a Avaliação I e a Avaliação II, e tem o Módulo em Formação em Serviço, que a gente orienta que os agentes sociais estudem e façam formação local, nas suas reuniões, tragam palestrantes, estudem textos, vejam filmes e discutam sobre as suas necessidades. Na construção, então, tem uma orientação e tem uma aula, e conceitos básicos de Lazer, conceito de Cultura, planejamento participativo, a parte prática toda, então como sugestões de atuação prática, mas cada formador tem a sua característica pessoal e a sua história de

---

<sup>37</sup> Programa de Estudantes – Convênio de Pós-graduação.

<sup>38</sup> Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação.

<sup>39</sup> Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança.

vida, então realmente a formação da Eneida vai ser diferente da formação de outro professor, então... Mas os conteúdos em si, a gente tem uma obrigatoriedade de desenvolver e trabalhar de uma maneira geral todos os formadores, depois a gente presta relatório, depois a gente faz uma avaliação, a gente tem uma avaliação dos próprios agentes que a gente tabula e manda para o Ministério. Então é um constante aprender, mexer e revisar o que está trabalhando.

P.J. – Tu comentou dessa particularidade do próprio formador. Qual é essa tua particularidade, o que te diferencia nessa formação? O que é que tu busca, para tornar mais dinâmica o curso de formação?

E.F. – Bom, acho que essa coisa do brincar, que é uma característica minha e uma experiência muito grande. Acho que eu toco muito as pessoas com esse olhar, então, eu levo os meus brinquedos pessoais, o meu acervo que é bastante! Eu entro em um ambiente... Eu faço um ambiente lúdico, eu levo uma mala de adereços e as pessoas entram em um outro estado de consciência, porque eu acredito que esse estado lúdico do ser humano é a essência. Schiller<sup>40</sup> já diz isso: “Que tu só te torna humano quando brinca”. Então no momento que eu crio esse momento lúdico, fisicamente, com os meus brinquedos, aí eu trago todos os brinquedos antigos, jogo de vareta, caleidoscópio, funda, elástico, vários brinquedos e eles começam a mexer nesses brinquedos e vão se “desarmando” e se entregando para a atividade. E acho que isso toca bastante nas pessoas, e quando chega o prefeito está todo mundo de antena, de tiara, de peruca. E aí o prefeito coloca a peruca junto, e aí eu acho que entra em um outro estado de consciência interessante. E a própria experiência de vida, a gente sabe que o diabo não é sábio porque é diabo, mas porque é velho! Essa sabedoria de uma vida inteira, ir vivendo essas experiências da recreação pública me traz muita bagagem. Eu consigo muitas vezes amenizar uma relação de conflito que tem, por disputa de poder entre os próprios agentes sociais. Eu consigo distensionar, eu consigo colocar o dedo na moleira: “Se vocês estão agindo de maneira agressiva, vocês estão trabalhando em um PELC competitivo que não é nossa formação, vocês precisam articular mais a questão pedagógica, vocês tem que trabalhar com a criança de uma maneira inclusiva, vocês tem que pensar na criança como

---

<sup>40</sup> Friedrich Schiller.

um todo, nas possibilidades e não nos limites, com os deficientes, com todas as etnias, com todas as opções sexuais”. Então essa experiência me ajuda bastante a falar com o cotidiano deles.

P.J. – E tu comentou também, que já participou de mais de cinquenta formações. E tu está relatando para a gente experiências positivas. Tu teve alguma negativa ou algo que saiu fora daquilo que saiu fora daquilo que era planejado realmente?

E.F. – Pois é, como eu disse, em Dourados a experiência em si, que eu fui duas vezes, foi espetacular, ver as mulheres falando e contando as suas histórias de lazer e falando com o Pajé e o Cacique. A experiência em si, foi espetacular, emocionante, entende? De pegar as criancinhas e ver um trabalho sendo feito. A frustração foi de ver esse trabalho não tendo continuidade, então, nesse sentido seria uma experiência *negativa*, em não ver o PELC frutificar como deveria. E negativa, eu acho que eu não posso dizer... Eu tive experiência tensas, de conflitos que a gente teve que bater na mesa e dizer: “Olha, não é possível isso, ou vocês modificam e se entendam entre você, e parem com esse conflito em nome do PELC ou o PELC vai ter que ser destituído. Vou ter que notificar o Ministério que está acontecendo esse conflito”. Então é essa questão, essa disputa de poder, isso acontece. Mas graças a Deus com a experiência, eu consigo manejar e mediar para que esse conflito não interfira no PELC. E a experiência que eu tive foi bem interessante nesse sentido, que eu e a professora Leo<sup>41</sup>, a gente pegou pesado para amenizar conflito, e na outra ida a gente já viu que a coisa tinha conseguido ser resolvida e que o PELC estava se constituindo independente, das relações pessoas. Então, não posso dizer que tenha tido experiência negativa no PELC, assim, de passar dificuldades, de ter acidentes físicos, de ficar doente, que quebrar pé, de sair com tala do pé, coisas pessoas assim, mas ao contrário, acolhimento, receptividade, respeito pelo projeto, e que a consciência que a gente consegue mudar o município no sentido de uma qualidade de vida melhor, e de mais felicidade.

P.J. – Tu comentou sobre essa formação em Dourados. Teve algum ponto de destaque na tua região de formação que tu lembra? Que foi um diferencial também?

---

<sup>41</sup> Maria Leonor Brenner Ceia Ramos.

E.F. – Bom, Ivoti, que a gente viu florescer e se tornar institucionalizado o PELC, virando o PLUG<sup>42</sup>, que agora ele tem autonomia. Eles fizeram edital público, contrataram professores e o PELC que se tornou PLUG e continua fazendo parte do município com política de Esporte e Lazer. Vários outros municípios, por exemplo: Quarto Centenário lá no Paraná, uma cidadezinha pequeninha que só tem duas ruas, a gente não podia nem parar no hotel, por que não tinha hotel, a gente teve que parar no hotel na cidade vizinha. O balé impactou tanto a cidade, que a prefeitura contratou uma professora de balé para dar continuidade ao trabalho, independente do PELC, porque a cidade não podia mais ficar sem o balé. Eu vi a apresentação das crianças, foi de arrepiar, aquelas crianças vindo de toda cidade, de pezinho, de roupinha de bailarina, com aqueles cabelos lambidos com gel, prontas para dançar. E os depoimentos das mães, , fazendo as fantasias, fazendo o figurino dessas crianças, uma sala de balé com barra, com espelho, com tudo que tinha direito, a partir do PELC. Então, tu vê a professora de pintura, de tela, as pessoas pintando desde o funcionário, o motorista, os velhinhos, as crianças, as crianças especiais fazendo tela de pintura, com a professora ensinando. Eu vi desfile de roupa de crochê, cheguei lá no PELC para fazer a finalização e tinha um guri fazendo crochê direto. Eu disse: “O que tu está fazendo?” Ele: “Eu estou fazendo a minha gravata, eu tenho desfile de noite, tem que ficar pronta a minha gravata”. Quando eu fui a primeira vez, que eu vi a professora dando aula de crochê, eu disse: “Olha, em vez de tu fazer coisas para a casa, faça roupas, faça coisas que as crianças possam usar e sejam úteis para eles”. Então o desfile foi com as roupas que elas tinha produzido e o guri com a gravata de crochê que ele tinha produzido desfilando lá em cima no palco, tu consegue interferir, tu consegue ver a modificação. Várias coisas, com idosos também, com a questão da inclusão: “Eu quero deficientes, eu quero cadeirante aqui no PELC. Cadê os cadeirantes? Cadê as crianças com síndrome de down?” Tu vai interferindo e quando tu volta é muito mágico. Outro depoimento impactante foi em Maripá que é lá no Paraná também. Quando eu fui a primeira vez a professora que estava coordenando só me olhava com uma cara meio.... E depois na segunda vez que eu fui agora ela disse: “Professora eu tenho um depoimento pra lhe dar. Quando a senhora chegou aqui toda faceira, toda entusiasmada pelo PELC eu estava morrendo de raiva. Que PELC é esse que tem uma burocracia? Que a gente tem que mandar um monte de relatórios? Que a gente precisa entrar no sistema SICONV? Que a gente precisa contar, cadastrar pessoa por

---

<sup>42</sup> Programa de Lazer Unindo Gerações.

pessoa, com CPF, se é branca, se é índia. Toda essa parte burocrática. Eu estava odiando o PELC, eu nunca vou conseguir fazer tudo que o Ministério quer. E agora que a senhora voltou aqui eu entendi o quanto esse PELC importa e o quanto ele modifica a cidade”. Esse depoimento para mim foi bárbaro porque os olhinhos dela brilhavam. Ela estava em cima do palco dando zumba com oitenta e cinco mulheres, dançando em cima de um palco e aquele mulherio todo, às sete e meia da noite. As crianças dessas mulheres estavam em uma brinquedoteca em uma sala ao lado sendo atendidas e as mulheres dançando, jovens, velhas de todas as faixas etárias. Ela disse: “Compreendi o PELC, professora Eneida. Valeu a pena a burocracia”. Tem muitos depoimentos para contar, que valem a pena.

P.J. – Tu já comentou um pouco mas gostaria que tu falasse um pouco mais na tua opinião. O PELC vem cumprindo com o papel de inclusão social ou isso é uma questão que ainda está em construção?

E.F. – Eu acho que vem, porque tem municípios que não teriam condições de fazer essa inclusão, de trabalhar com esporte, cultura e lazer se não tivesse o apoio do PELC. Na questão de custos mesmo de pagamento de recursos humanos e material. Se montar uma sala de balé com espelho, com barra com o piso adequado, ter um quimono para usar em uma luta marcial e todos os materiais que precisam, o tatame todas essas necessidades. Trabalhar com todos os materiais para ginástica e musculação, montar uma sala inteira de musculação montada pelo PELC. Ter um barco para fazer o Projeto Navegar<sup>43</sup>. O município não teria essa condição de bancar e não prioriza e, infelizmente, ainda existem outras prioridades no município que são mais importantes do que o esporte e o lazer. Quando a gente vai para os municípios a primeira coisa que eu faço é conversar com o prefeito: “Senhor prefeito, que o esporte e lazer seja prioridade”. Porque não é dívida é investimento, tu investe nesse sujeito e em uma vida melhor, então, tu está investindo em saúde e qualidade de vida. Sensibilizar esses prefeitos que é tão importante quanto educação, saúde, infraestrutura, habitação. É um direito como está previsto na Constituição Federal no artigo 217.

---

<sup>43</sup> Projeto do Ministério do Esporte que tem como objetivo popularizar a prática do remo, vela e canoagem.



P.J. – E na tua opinião também, o que seria possível fazer para qualificar ainda mais o PELC?

E.F. – Olha, acredito que o PELC cumpra essa função em investimento de formação dos agentes sociais, que é o nosso papel de formador e na nossa própria formação. Tem todo um cuidado do Ministério nesse sentido de fazer essa rede. Nós temos feito videoconferências no Brasil todo com pessoas importantes que possam nos ajudar a pensar nessa questão do cotidiano. Nós fizemos encontros semestrais na UFMG para estudo, para pensar em um PELC melhor. A Rede Cedex<sup>44</sup> que tem toda a parte da pesquisa e o Ministério... Foi muito rico nessa questão de publicação de livros, é um acervo enorme de publicações e de livros. Eu acho, pessoalmente, que o Ministério está cumprindo com a sua obrigação de investir em um PELC cada vez melhor. Eu não teria nenhuma sugestão nesse sentido. Tem ensino à distância que foi implementado há pouco tempo para os agentes sociais e para os formadores. O apoio da Universidade Federal de Minas Gerais, esse apoio pedagógico e nas outras articulações com a própria UFRGS<sup>45</sup>, com o CEME<sup>46</sup> na questão da memória, da pesquisa, a Rede Cedex continua, então, acho que o PELC está cumprindo com o seu papel. Acho que não tem nenhuma necessidade de investir em alguma outra coisa.

P.J. – Tem alguma coisa que a gente não perguntou que tu gostaria de compartilhar conosco?

E.F. – Não, acho que foi contemplado, acho que talvez essa questão da mudança de vida dos munícipes, nos lugares que a gente visitou. Acho que colher esses depoimentos talvez fosse bacana para o CEME. Ir nesses municípios e colher esses depoimentos dos usuários porque é muito rico. Situações de vida que mudaram, inclusões sociais, muitos alunos que eram do PELC hoje são professores e agentes sociais. Idosos que estão atuando na comunidade a partir do PELC e essas relações que se estabelecem porque a gente tem o grupo do conselho gestor que entra toda uma participação que a comunidade acompanha o PELC e também vai modificando a vida da cidade. Então eu sugeriria que talvez fosse

---

<sup>44</sup> Centro de Desenvolvimento do Esporte Recreativo e do Lazer.

<sup>45</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

<sup>46</sup> Centro de Memória do Esporte.

importante colher depoimentos dos usuários do PELC ao longo desses anos porque tem coisas muito lindas para contar. Desde pessoas que se apropriaram de coisas que nunca tinham feito na vida, da questão do corpo, das atividades físicas, de qualidade de vida, de melhora das questões de doença, de glicose, diabetes, de pressão alta, de relação social, de depressão, colher esses depoimentos seria muito rico. Isso talvez fosse uma coisa boa de ir nos lugares onde teve PELC e pegar esses depoimentos que fazem a gente acreditar no programa.

R.R. – Eu queria perguntar como tu te sente em relação ao grupo de formadores. Como é que se constitui esse grupo? Qual a complementariedade que se dá?

E.F. – Esse grupo que eu estou vai fazer dez anos agora em 2016 e tem algumas pessoas que são desse grupo desde o começo. O professor Gilmar, a professora Léo. A Léo é nossa articuladora regional. Essa complementariedade é muito rica, a gente tem que trabalhar em dupla ou mais pessoas conforme o convênio, quando é muito grande. Cada um tem o seu saber, então, essa troca de saberes e de experiências de vida é muito rica. Nós temos pessoas que atuam com terceira idade, tem pessoas que atuam mais na academia, tem pessoas que atuam na gestão pública. Essa troca de riqueza do Brasil, de sotaques, nós temos articulado formadores de Recife, do Pará, do Tocantins, do Espírito Santo como a gente precisa às vezes.... Normalmente a gente teria que atuar na região Sul mas conforme os convênios são a gente tem que ir por esse Brasil afora. Nós tivemos a experiência de fazer uma formação lá em Fortaleza que era um convênio *gigante*, foi de uma riqueza trabalhar com os colegas, com as experiências de cada um e depois que a gente trabalha junto fica uma cumplicidade para sempre, há uma troca mútua. Até hoje eu me lembro e fico rindo sozinha das situações que aconteceram.. Nós em um ginásio gigante, nós dividimos o ginásio em dois. Eu trabalhei com a metade do grupo e o professor Corpinho<sup>47</sup>, como a gente chama, trabalhou com a outra metade e era riquíssimo porque a gente acabou trocando, aprendendo e vendo o que o outro estava fazendo, o que tinha para ensinar. E aí a gente troca conteúdo, troca filmes, que a gente atua com filmes também é muito rico. Essa experiência, esse grupo aprendendo um com o outro.

---

<sup>47</sup> Luiz Carlos Lira.

R.R. – Vocês avaliam o encontro de formadores? Como se dá essa apropriação dos municípios ou dos conveniados com o PELC? Vocês tem noção de como está isso enquanto política pública?

E.F. – Olha eu acho que esse *feedback* seria bacana fazer. A gente sabe de alguns municípios que eles nos contam mas seria bacana fazer esse retorno para ver o impacto. Acho que algumas pesquisas já aconteceram, o professor Gilmar andou mexendo na questão da formação, ele fez a pesquisa com o professor Vicente<sup>48</sup> mas eu não sei essa coisa, assim, do legado do PELC e do impacto do PELC como isso se constitui, acho que seria uma bela de uma pesquisa. Como que esses municípios começaram a pensar em políticas de esporte e lazer a partir do PELC. A gente tem o retorno do PLUG de Ivoti e vários outros municípios que pelos relatos dos próprios secretários que articulam o PELC, os prefeitos que a cidade incorporou, não tem mais como viver sem o PELC, sem esse investimento de políticas públicas de esporte e lazer, fica visível isso que mudou e que a própria comunidade reivindica e pede a continuidade. Tanto que eu contei que o contrataram a professora de balé e a professora de pintura porque não podiam mais ficar sem elas. Então, acho que é isso, um movimento de continuidade que não pode mais parar mas que seria legal fazer uma pesquisa nesse sentido.

R.R. – Como esse convênio é com Brasília com o governo federal, tu acha que isso dá um olhar diferente do prefeito, do gestor sobre o Programa? Porque essa área do esporte e do lazer ela não é muito valorizada enquanto política e sendo um convênio federal, recebendo essa verba, tu acha que o próprio prefeito conhecendo e valorizando a área?

E.F. – Eu até estava contando para elas que quando eu vou ao município eu faço questão de visitar o prefeito, de pensar, de conversar com ele sobre políticas de esporte e lazer, acho que a gente tem essa obrigação. Se eu puder ir numa rádio eu vou e dou entrevista, falo do Programa, sobre políticas públicas porque eu disse que a gente tem que fazer que nem a galinha: a gente bota o ovo e cacareja. Tem que se comunicar. Sensibilizar o prefeito é uma das primeiras coisas que eu faço; faço questão de fazer uma abertura oficial da formação com as autoridades presentes, com imprensa e mando ver, de falar das políticas

---

<sup>48</sup> Vicente Molina Neto.

públicas. Acho que os prefeitos começam a enxergar isso, muitos prefeitos herdaram o PELC de gestões anteriores, às vezes, não foram eles que conceberam o PELC mas no momento que eles começam a compreender, que começa a mudar a cidade, começa a ter um legado, começa a ver essa consciência de que é importante. Então eu faço o prefeito pensar e refletir sobre isso.

R.R. – O que tu acha dessa proposta do PELC de vir da comunidade, da cidade, da UFMG e não ser uma proposta pronta do Ministério?

E.F. - Eu acho que essa articulação importa, eu acho que esse vínculo não tá pronto para ser ao contrário. Quando eu chego na cidade, eu visto a camiseta do Ministério do Esporte. Eu entro com a camiseta azul escrito Ministério do Esporte e dá uma credibilidade, uma coisa de dever. A primeira coisa que eu falo é do artigo 217 da Constituição. Eu acho que essa articulação federal dá uma importância, o município tem que pensar a respeito, articulado com os entes federativos, articulado com federal, estado e município mas talvez tenha que evoluir nesse sentido.

R.R. – A minha pergunta era mais no sentido de conteúdo. Existem programas que são prontos, do governo federal para serem executados. O PELC tem algumas diretrizes e o Programa é construído localmente....

E.F. – Entendi! Nesse sentido, eu acho que não, tem que ser a partir do município com a sua realidade local e com a sua necessidade. Cada município sabe e tem que ser um projeto participativo a partir das necessidades, das demandas, da construção coletiva se vem um projeto pronto acontece isso porque tem municípios que contratam terceirizados, empresas terceirizadas para fazer o projeto. E aí não dá legal porque aquela empresa não conhece a realidade local e faz aquele projeto do papel; no papel não tem nada a ver com a realidade local e quando construído a partir do município e das suas necessidades, da suas demandas ele frutifica muito melhor do que vinha de cima para baixo que não tem nada com a realidade local.

P.J – Professora Eneida, gostaria de te agradecer mais uma vez, acho que tivemos uma manhã super produtiva. Obrigada pela colaboração.

E.F. – Espero que eu possa ser útil e que esse depoimento tenha contribuído. O material que eu trouxe também da minha casa que eu vou colocar à disposição e o CEME que faz parte da minha vida e do meu coração, eu sou CEME [risos]. Obrigada!

[FINAL DA ENTREVISTA]